

**ADÉLIA PRADO:  
ITINERÁRIO ATÉ *BAGAGEM*  
— ESBOÇO DA ESCRITORA  
QUANDO JOVEM —**

Ubirajara Araujo Moreira<sup>1</sup>

---

**Resumo** : Este artigo, destacando os 30 anos de publicação do livro *Bagagem*, de Adélia Prado, traça um roteiro que procura esboçar o caminho percorrido pela autora, desde a infância até o lançamento de sua primeira obra, na descoberta deslumbrada da poesia e na longa e persistente busca de sua própria dicção artística. A madura conquista do verbo poético se manifesta finalmente na publicação de seu livro inaugural, *Bagagem*, em 1976, obra que já nascia previamente avalizada pelo poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, em crônica publicada no *Jornal do Brasil* no ano anterior, e que se tornaria uma marco na poesia brasileira contemporânea.

**Abstract**: Enhancing the 30 years of the publishing of the book *Bagagem (Luggage)*, by Adélia Prado, this article traces a script that tries to outline the path accomplished by the author, since her childhood until the launching of her first book, in her fascinating discovery of the poetry and in her long and persistent search for her own artistic style. The mature conquest of the poetic eloquence is finally manifested on the publication of her first book, *Bagagem*, in 1976, a work that has come out endorsed by the great poet, Carlos Drummond de Andrade, in a chronicle published in *Jornal do Brasil* the previous year, something that turned out to be a landmark in the contemporary Brazilian poetry.

**Palavras-chave**: Adélia Prado. Trajetória poética. Poesia brasileira contemporânea. *Bagagem*.

**Key words**: Adélia Prado. Poetic path. Contemporary Brazilian poetry. *Bagagem*.

---

Em 2006, pudemos celebrar com Adélia Prado os 30 anos do lançamento de sua obra inaugural, *Bagagem*, então com direito a noite de autógrafos primeiro na mineiríssima Divinópolis, sua terra natal, no dia 24 de abril de 1976, logo depois, no dia 6 de maio, no Rio de Janeiro, e mais tarde no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Ao ser publicado,

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

*Bagagem* já vinha antecipadamente avalizado pelo “poeta maior” que, em crônica no *Caderno B do Jornal do Brasil* – “De Animais, Santo e Gente” – anunciava numa quinta-feira, 9 de outubro de 1975: “Acho que ele [S. Francisco de Assis] está no momento ditando em Divinópolis os mais belos poemas e prosas a Adélia Prado.” E após indicar, em poucas e densas linhas, alguns aspectos do texto adeliiano, Drummond conclui com astuciosa (mineira...) interrogação: “Como é que eu posso demonstrar Adélia, se ela ainda está inédita (...) e só uns poucos do país literário sabem da existência deste grande poeta-mulher à beira da linha?” Foi o suficiente (e precisava mais?) para provocar o maior *frisson* entre os habitantes do país literário. Daí a ansiedade com que a publicação de sua primeira obra foi aguardada. E *Bagagem*, desde então, é obra que segue sendo, sem dúvida, um marco na poesia brasileira contemporânea, ao lado, por exemplo e por outros méritos, de *Luta corporal*, de Ferreira Gullar, publicado em 1954, livro que tanto agitou o marasmático meio literário nativo, e a partir do qual se deu propriamente o início do ciclo das nossas chamadas *vanguardas poéticas*. Poucas, raras, obras poéticas terão esse caráter de *evento* que *Bagagem* e *Luta corporal* representam dentro do cenário da poesia brasileira dos últimos cinquenta, sessenta anos.

Mas até chegar, aos quarenta anos de idade, a essa *Bagagem*, que caminhos terá percorrido a autora que sempre viveu na sua sempre mesma e múltipla Divinópolis, onde num dia 13 de dezembro de 1935 ela nasceu Adélia Luzia (era dia de Santa Luzia) Prado, primogênita de João e Ana Clotildes?

À maneira do *Itinerário de Pasárgada*, de Manuel Bandeira, uma biografia literária adeliiana registraria, lá nos longínquos da infância, a primeira experiência poética. Aluna do Grupo Escolar Padre Matias Lobato, a garotinha que se iniciava na alfabetização ouvia embevecida a voz da professora primária lendo uma passagem da Sagrada Escritura: “Olhai os lírios do campo, não semeiam e nem ceifam, porém, nem Salomão, no alto de sua glória, se vestiu como um deles.” (Mt, 6, 28-29; Lc, 12, 27) Como o poeta Manuel Bandeira, de quem tanto gosta e se aproxima, Adélia Prado poderia ter exclamado: “Foi o meu primeiro alubrimento!”, ecoando as memórias de infância do poeta pernambucano em sua belíssima *Evocação do Recife*. E esse “alubrimento inaugural diante da epifania poética”, Adélia nunca mais esqueceu. Tanto que, passados mais de cinquenta anos, ela vai revelar o acontecimento a José Carlos Fernandes, do jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba, quando aí esteve em 1997, e o relato ficou registrado na entrevista intitulada “Com o coração disparado”, publicada no *Caderno G* do dia 15 de setembro daquele ano.

A família é pobre, beirando a escassez material, conforme revela a escritora: “Para elaborar o que a gente chama de obra, eu busco tudo lá, meu tesouro está lá, na

infância, com eles [os pais], uma experiência de natureza muito próxima das necessidades primárias de todo mundo, por causa da quase penúria material.” (INSTITUTO, 2000, p. 22). O pai João do Prado, ferroviário:

(...)  
 Foi quando o trem passou  
 uma grande composição  
 levando óleo inflamável.  
 Me lembrei de meu pai  
 corrompendo a palavra  
 que usava só para trens,  
 dizendo “cumpuzição”.  
 (...)

(“Divinópolis”; inédito; INSTITUTO..., p. 61)

e a mãe, Ana Clotildes Corrêa, dona-de-casa:

(...)  
 Milho, pó de café, sabão,  
 minha pobre mãe me preparou pra vida,  
 este vale de lágrimas.  
 (...)

(“Silabação”; *Poesia reunida*, p. 350)

não têm condições de pagar escola para que Adélia, a filha mais velha dos oito filhos que terão, possa continuar os estudos além do primário. Graças, porém, e somente, às boas notas que tira na quarta série, ganha uma bolsa de estudos e faz o curso ginásial num colégio religioso, o Ginásio Nossa Senhora do Sagrado Coração, dos frades franciscanos. A adolescente, inteligente mas um tanto indisciplinada, consegue continuar os estudos no segundo grau, fazendo o Curso de Magistério na Escola Normal Mário Casassanta, que conclui em 1953, tornando-se professora primária.

Na casa sem jornais, livros ou revistas, onde só chegavam alguns folhetos religiosos, havia um exemplar da *História Sagrada*, versão popular da Bíblia, que lida e relida era “*um manjar*” que a “alimentou como verdadeiro manancial de poesia, de mito, de romance e de beleza.” (BARBOSA, p. 77)

A paixão pela leitura leva então a adolescente a buscar os livros onde eles estivessem disponíveis: a biblioteca escolar, com Monteiro Lobato – “Monteiro Lobato me encantou para sempre com as *Reinações de Narizinho*.” (FIORI, 2002, p. 9) –, Andersen, os irmãos Grimm; a biblioteca da vizinha, tão pequena, do tamanho de um guarda-louça, mas abarrotada de livros; a biblioteca da Filhas de Maria, agremiação

religiosa para moças, dirigida pelos franciscanos; e, em casa, a leitura em voz alta que a mãe e a tia faziam da vida dos santos. (BARBOSA, p. 78) “O que eu lia? M. Delly, Cronin, Somerset Maugham, romances de fundo religioso, como *Quo Vadis?* e *O Manto Sagrado*.” (MIRANDA, 1984). Tudo isso ia saciando e incentivando sua fome de leitura e lhe proporcionava o encantamento com a palavra escrita.

A experiência com a poesia passava por vários caminhos. Havia o gosto escolar da declamação de poemas: “Eu estava acostumada a ler poesia na escola, e adorava recitar Olavo Bilac. (...) [Olavo Bilac] Me ensinou a beleza do ritmo.” (COSTA, 1987). Esse gosto da pequena estudante era levado para dentro de casa com o entusiasmo do pai que, embora nem tivesse terminado o curso primário, gostava de ouvir poesia e também declamar:

Recita “Eu tive um cão”, depois “Morrer dormir”, ele dizia.  
Eu recitava toda poderosa.  
‘Eh trem!’ ele falava, guturando a risada, os olhos  
amiudados de emoção, e começava a dele:  
‘Estrela, tu estrela, quando tarde, tarde, bem tarde,  
brilhaste e volveste o teu olhar para o passado,’  
(...) Ó meu pai, o que me davas então?  
Comida que mata a fome e mais outras fomes traz?  
(...)

(“A poesia”; *Poesia reunida*, p.127)

Numa conversa com a atriz Regina Duarte, discutindo sobre a necessidade de se manter a qualidade e a contenção da linguagem na Arte, Adélia fez esta revelação sobre seu pai: “A *Nélida Piñon* fez uma conferência uma vez, que eu assisti, e ela dizia: “*Não se pode baratear a linguagem.*” E não se pode mesmo. Por exemplo, meu pai só tinha o terceiro ano do grupo escolar. Eu lia os poemas pra ele. Não é que ele entendesse os registros todos mas quando eu acabava de ler, ele estava chorando. Porque ele entendia o que é pra ser entendido na obra.” (DUARTE, 1993)

Esse gosto pela “declamação e leitura pública de poemas,” da fase infanto-juvenil, vai perdurar na poesia definitiva de Adélia Prado através da incorporação tanto sob a forma da “oralidade” conatural de seus textos, como pelo **tom oracular** de muitos de seus poemas. E perdurou até hoje como prática a que a escritora tem-se entregado prazerosamente, em apresentações individuais ou coletivas, no Brasil e no exterior, como foi o caso, em abril de 1988, quando foi a Nova Iorque e se apresentou na Semana Brasileira de Poesia, promovendo o lançamento de seu livro *A faca no peito*. Embora já viesse se apresentando em encontros diversos e circuitos universitários, a estréia no palco

se dá em setembro de 1988, no Teatro Cândido Mendes, do Rio de Janeiro, quando a autora “fala” poemas seus no lançamento nacional da mesma obra. Em 2000 se dá a gravação e lançamento do cd-rom *O Tom de Adélia Prado*, produzido por Carminha Guerra, do selo Karmim, de Belo Horizonte, com trilha sonora de Mauro Rodrigues, e que consiste na declamação pela própria autora dos poemas do seu livro significativamente chamado *Oráculos de maio* (1999). Em 2006, em comemoração dos 30 anos de *Bagagem*, Adélia Prado recebe homenagem durante a 4<sup>o</sup> FLIP – Festa Literária Internacional de Parati –, e encanta e emociona os participantes do evento com sua conferência e a leitura de seus poemas.

Esse caráter de oralidade, associado a “elementos dramáticos” de sua poesia, também tem se prestado a um aproveitamento cênico, como foi o caso do espetáculo *Dona Doida: um interlúdio* (1987), protagonizado por Fernanda Montenegro, com poemas selecionados por ambas e por Fernando Torres, dirigido por Naum Alves de Souza, e que, além do Brasil, teve apresentações no Uruguai, nos EUA, na Itália e em Portugal. Outros espetáculos cênicos, baseados em trechos de vários de seus livros, foram acontecendo: *Duas horas da tarde no Brasil* (1996), adaptação feita por sua filha a atriz Ana Beatriz Prado e Kalluh Araújo (diretor), no Teatro Sesiminas, de Belo Horizonte; *Roca – História de mulheres* (1999), adaptação e direção de Regina Bertola, apresentado em Belo Horizonte e em outras cidades mineiras, incluindo Divinópolis; *Divinas palavras* (1999), adaptação da Companhia Teatral Curare e direção de José Antônio Mendes, apresentado em Cabo Frio (RJ) e Juiz de Fora (MG); *Dona de casa* (2000), adaptação de José Rubens Siqueira e direção de Georgette Fadel, em São Paulo (INSTITUTO, p. 144).

Retornando à adolescência de Adélia, ficamos sabendo que por volta dos 14, 15 anos ela sofre “a primeira grande dor: morre-lhe a mãe.” Era o ano de 1950, Adélia estava no último ano do ginásio. Precisou assumir os cuidados da casa e dos irmãos menores. “Escreve então seu primeiro poema, um soneto.” Mas reconhece: “*Era desabafo, pura melancolia, coisa de adolescente sem nenhum valor literário, que fica enriquecendo o meu porão.*” (FARIA, 1981) Muitos anos mais tarde, no entanto, em Impropérios, a transfiguração poética da sofrida vivência afetiva:

(...)  
 Quando eu tinha quinze anos minha mãe morreu.  
 Foi o sofrimento mais lindo,  
 a verde vida um pasto tão bonito, eu belamente urrei,  
 bezerra sem sua mãe, apenas.  
 (...)

(*Poesia reunida*, p. 214)

De fruidora dos textos poéticos de terceiros, a adolescente passa à experiência da escrita poética. Começava a longa caminhada, ainda insuspeita, na construção da sua própria *bagagem*. Tendo por referência os poetas escolares, dos quais vai extraindo rudimentar e intuitiva poética, a jovem Adélia escreve sonetos à moda parnasiana, apaixonada por Castro Alves, a quem, bem-humorada, dedicará em *Bagagem* este:

“Bilhete em papel rosa”

Ameu amado secreto, Castro Alves.

Quantas loucuras fiz por teu amor, Antônio.

Vês estas olheiras dramáticas,  
este poema roubado:

“o cinamomo floresce  
em frente do teu postigo.

Cada flor murcha que desce,  
morro de sonhar contigo”<sup>2</sup>

Ó bardo, eu estou tão fraca

e teu cabelo é tão negro,

eu vivo tão perturbada,

pensando com tanta força

meu pensamento de amor,

que já nem sinto mais fome,

o sono fugiu de mim. Me dão mingaus,

caldos quentes, me dão prudentes conselhos,

eu quero é a ponta sedosa do teu bigode atrevido,

a tua boca de brasa, Antônio, as nossas vidas<sup>3</sup> ligadas.

Antônio lindo, meu bem,

ó meu amor adorado,

Antônio, Antônio.

Para sempre tua.

(*Poesia reunida*, p. 90)

<sup>2</sup> Trata-se de uma estrofe reproduzida de um poema de Alphonsus de Guimaraens que, no entanto, de acordo com a antologia *Cantos de Amor, Salmos de Prece*, publicada pela Editora José Aguilar e Instituto Nacional do Livro, em 1972, com poemas selecionados pelo próprio filho do autor, o também poeta Alphonsus de Guimaraens Filho, vem grafada e pontuada deste modo:

O cinamomo floresce

Em frente do teu postigo:

Cada flor murcha que desce

Morre de sonhar contigo. In *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte*, poema XXV, p. 141.

<sup>3</sup> Na edição de *Poesia reunida* que aqui utilizamos, SP: Siciliano, 1991, no verso 17 está “vias ligadas”, com certeza erro de revisão, pois em *Bagagem*, 3. edição, RJ: Nova Fronteira, 1979, está “vidas ligadas” (p. 98), lição que aqui adotamos.

Também imita Augusto dos Anjos – porventura não virá do poeta do Engenho do Pau d’Arco um certo à-vontade escatológico presente em alguns poemas adelianos, bem como o jeito tão concreto de referir elementos do cotidiano? E, quem sabe, o tom mesclado da linguagem na qual convivem termos prosaicos e vocábulos eruditos? Sobre o poeta paraibano, Adélia confessa numa entrevista ao crítico Felipe Fortuna: “(...) Porque naquele tempo eu era adolescente, eu fazia versos rimados. Eu fazia sonetos do tipo Augusto dos Anjos (...). Eu conhecia os poetas escolares, e o menos escolar de todos era o Augusto dos Anjos. Eu gosto demais ainda hoje do Augusto dos Anjos (...).” (FORTUNA, 1987)

Encanta-se com Alphonsus de Guimaraens, a quem imita também, e cujos poemas lhe são enviados pelo irmão, estudante no Seminário Franciscano. É desse melancólico apaixonado Alphonsus que ela roubará, como vimos, aqueles versos para o seu amado Castro Alves: “o cinamomo floresce...” E dele talvez virão algum roxo (quaresmal), alguma violeta e violoncelos? e ainda cavaleiros medievais que pedem mão de donzelas? e esse misticismo mineiramente barroco?... Influências? Ou convergências e certas afinidades de *ethos* e de sensibilidades?

Porém, de outra vertente, do fervor apostólico da jovem catequista, partirão quais raios apocalípticos os poemas moralizantes, proféticos, “conclamando a humanidade para a conversão do coração, prestes a enfrentar o Juízo Final” (CAMBARÁ, 1984), possivelmente prenunciadores do futuro tom oracular da escritora, haurido nos livros sapienciais e proféticos da Bíblia já parcialmente conhecidos pela jovem. Afoita, publica seus sonetos e outros poemas, também metrificados e rimadíssimos, no jornal *A Semana*, da juventude franciscana de Divinópolis.

Dona Geralda, a madrasta, orgulha-se de ter sido uma das primeiras a ouvir Adélia, com dezoito anos, declamar um poema seu. Era um presente para a irmã de sete anos, a pequena Maria José, no dia da Primeira Comunhão, e uma das estrofes dizia assim: “Que alegria estou sentindo, / Acabei de comungar, / Parece que tenho asas, / Parece que vou voar.” (ARSÊNIO, 1988)

Em setembro de 1997, em Curitiba, indagada pelo jornalista José Carlos Fernandes: “*Você jogou muito poema fora?*”, Adélia revela: “Estão num bauzinho. Eles têm um valor afetivo. Alguns foram feitos quando eu tinha 14, 15 anos; um outro, logo depois da morte da minha mãe. Eu estava procurando uma linguagem. E escrevia com jargão, igual aos poetas que eu conhecia. Só não imitei Olavo Bilac (risos). Recitei demais Jorge de Lima, Alphonsus de Guimaraens, que eu adorava.” (FERNANDES, 1997).

Essas experiências, um tanto canhestras, já eram no entanto uma forma de sensibilização estética, artística, que iam amadurecendo Adélia para o encontro definitivo

com a Poesia. Tratava-se, realmente, de um aprendizado, de um longo e silencioso processo de maturação, que encontraria, no devido tempo, a sua plena eclosão. Processo que será marcado por momentos fortes, epifânicos, verdadeiros terremotos a abalar a formação romântico-parnasiana da jovem normalista e a rígida educação religiosa em que fora criada.

A grande descoberta estética, no entanto, o forte provimento de beleza e encantamento que a marcará definitivamente, virá de outra experiência: “o deslumbramento diante da liturgia católica”, com seus ritos e celebrações, canto gregoriano, gestos, vestimentas, cores!

Mas o que mais me supriu de beleza e de encantamento – que foi a minha descoberta do estético – foi a liturgia. Porque em que pese todo o **rigor** da formação católica daquele tempo, eu me vingava, por assim dizer, na beleza da celebração. Porque eu pensava assim: “Deus é terrível (aquele Deus terrível do Antigo Testamento), o Inferno é terrível, o pecado é horrível, mas como é **belo** tudo isso.” É o belo Deus terrível que a gente depreendia e sentia na maravilha da celebração, do canto gregoriano, do rito da missa e das celebrações litúrgicas, enfim a Semana Santa, a Páscoa, aquilo tudo. Hoje eu me dou conta disso, era como estar lendo o grande Poeta. Por exemplo, a leitura dos Salmos... até hoje são livros que eu gostaria de ter escrito. Não precisava fazer mais nada na vida... Então eu fui muito agraciada nesse aspecto. Por um lado, uma pobreza cultural imensa. (...) Mas quando Deus quer, água pura é remédio, né? Então, por outras vias, tive acesso ao universo da beleza que era aquilo a que minha alma aspirava. Quer dizer, a minha via de salvação é por aí. (BARBOSA, p. 78)

Mas na busca de uma dicção própria, de uma escritura pessoal, tendente a superar os pastiches do só modelo romântico-parnasiano a que tinha tido acesso, outra descoberta será importante e definidora. Por volta dos vinte anos, a sedenta aprendiz tem seu primeiro contato com **a poesia de Drummond**, de quem já conhecia a prosa de *Fala, amendoeira*. Mal lê os primeiros poemas do livro que lhe fora emprestado, sente uma estranheza, um choque, e entusiasma-se: “É isso, quero escrever dessa forma.” Era o encontro com o verso livre, o verso branco, a libertação da rima e dos espartilhos parnasianos! “Pensei, maravilha escrever assim, é por aqui que vou. Ele me havia mostrado uma picada, uma clareira na mata.” (MAIA, p. 16)

Hão-de passar, porém, mais vinte anos, até que Adélia Prado adquira definitivamente a sua dicção e, dona de estilo próprio, singular, provoque agora, por sua vez, uma grande comoção no velho bardo, que exclama na já citada crônica: “Adélia é fogo, fogo de Deus em Divinópolis.”



Era 1955, a jovem Adélia começa a lecionar na Escola Estadual Luiz de Mello Viana Sobrinho. Três anos depois, ela se casa com José Assunção de Freitas, jovem funcionário do Banco do Brasil, quem namorava desde os 18 anos. Vão morar temporariamente em Governador Valadares. Em plena lua-de-mel, José a presenteia com *Grande Sertão: Veredas*. “Abri o livro: ‘Nonada. Tiros que o senhor ouviu...’ Fiquei espantada. E à medida que fui entranhando naquela coisa insólita, esquisita, foi a maior bebedeira do poético que tomei até hoje! Porre poético!” (MASSI; 1984) Foi tal maravilhamento, tal embriaguez, que chega a afirmar: “(...) quando li Guimarães Rosa quase morri...” (BARBOSA, p. 79). Confessa em *Bagagem*:

(...)  
 Porque tudo que invento já foi dito  
 Nos dois livros que eu li:  
 As escrituras de Deus,  
 As escrituras de João.  
 Tudo é Bíblias. Tudo é Grande Sertão.

(“A invenção de um modo”; *Poesia reunida*, p. 26)

E a Drummond e Guimarães Rosa associavam-se estes outros, numa seleta confraria: Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Clarice Lispector e, mais tarde, Fernando Pessoa, Santa Teresa d’Ávila e São João da Cruz. São os escritores que Adélia mais cita nas suas numerosas entrevistas, as suas principais referências, o seu cânone, juntamente com a Bíblia. “São autores que li e concluí - ‘Bom, estes são da minha patota. São as pessoas que eu quero comigo’.” (INSTITUTO..., 2000, p. 26) A esse respeito, cabe aqui a observação de Dominique Maingueneau, em seu livro *O contexto da obra literária*:

(...) qualquer escritor se situa numa tribo escolhida, a dos escritores passados ou contemporâneos, conhecidos pessoalmente ou não, que coloca em seu panteão pessoal e cujo modo de vida e obras lhe permitem legitimar sua própria enunciação. Essa comunidade espiritual que usa o espaço e o tempo associa nomes numa configuração cuja singularidade se confunde com a reivindicação estética do autor.” (MAINGUENEAU, p.31)

Como que numa dialética experiencial, acaba descobrindo que a mesma emoção de natureza poética e religiosa que sentia desde a infância ela encontrava nos textos de poesia que estava lendo então, e conclui que eram uma coisa só. Portanto, sem necessidade de se “esquizofrenar”, como diz, juntou a experiência religiosa com a experiência estética, e essa descoberta “para mim foi a festa, o banquete, a farra total.” (BARBOSA, p. 31) Trata-se de uma síntese, harmonização ou fusão decisiva, que passará a se consti-

tuir um dos fundamentos definitivos de sua Poética! E nisto Adélia se afina profundamente com dois dos poetas brasileiros de sua predileção: Jorge de Lima e Murilo Mendes, os autores siameses de *Tempo e Eternidade* (1935), bem como dos dois maiores místicos da literatura espanhola: *Santa Teresa d'Ávila* (1515-1582) e *São João da Cruz* (1542-1591).

Adélia continua escrevendo. Sabe que é uma latência, intui que é um chamado, uma convocação. Mas também sabe que ainda praticava poesia como desabafo, como expressão dos momentos de tristeza, válvula de escape... Vai se libertando dos pastiches, vai procurando o seu caminho, o seu jeito, a sua dicção. Sente o peso das influências. Insiste teimosamente. São anos de aprendizado, observação, tateios. Mas sentia que ainda não tinha atingido o que queria.

Por volta de 1965, já nascidos quatro filhos: Eugênio, Rubem, Sarah e Jordano – Ana Beatriz, a última filha, nascerá em 1966 –, ela e o marido decidem fazer o Curso de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis, com os frades franciscanos do Seminário Teológico. Formada, irá lecionar na mesma Faculdade disciplinas ligadas à Filosofia e à Educação.

É por essa época que se processa uma iniciação teológica que vai lhe dando aos poucos outra visão religiosa, que lhe permite ir superando os conceitos dogmáticos e morais rígidos, repressivos, da formação tradicionalista que recebera em casa, nas aulas do catecismo paroquial, no colégio católico, nas associações religiosas a que tinha pertencido – e cujas raízes são profundas, entranhadas na existência pessoal da escritora. Trata-se de um longo e doloroso processo que vai perpassar toda a vida pessoal, íntima, da escritora. Acaso, em parte, a grande crise existencial que afeta a escritora e a bloqueia ao longo de sete anos, impedindo que continue a escrita de seu romance *O homem da mão seca* (1994) não tem aí uma de suas causas? Sobre esse período de depressão, Adélia conta:

Eu comecei a escrever *O homem da mão seca* com muito entusiasmo, sabia tudo o que queria. Fiz o primeiro capítulo e aí me deu um branco. Foi uma crise muito grande. Eu não sabia, mas era uma depressão forte. (...) O livro saiu em 94, mas eu acho que fiquei uns sete anos sem escrever. Quando entrei nessa dificuldade pessoal muito grande resolvi buscar ajuda e, pela primeira vez, procurei um analista, em Belo Horizonte. (...) Fiz seis meses de análise. Depois de um processo interior muito grande eu acabei descobrindo que o “homem da mão seca” era eu. Isso foi a coisa mais espantosa do mundo. Quando eu descobri, acabei o livro. (INSTITUTO, p. 32-33).

A Igreja Católica, tendo à frente o Papa João XXIII e depois Paulo VI, vai ser

fortemente sacudida pelos ventos da renovação trazida pelo Concílio Vaticano II, realizado de 1962 a 1965. Na América Latina, e em especial no Brasil, começava-se a elaborar um novo modo de pensar e vivenciar a fé cristã, à luz dos documentos conciliares e de uma nova teologia bíblica, e em diálogo preferencial com as ciências sociais: surgia a Teologia da Libertação, tendo em Leonardo Boff, então frade franciscano, um de seus principais articuladores. Surgiam também as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) que, valorizando mais a participação dos leigos, apresentavam-se como alternativa ao tradicional modelo paroquial de organização e funcionamento das comunidades católicas. A Teologia, renovada, sai dos seminários e dos institutos religiosos e vai à praça. Abrem-se Cursos de Teologia para os leigos, popularizam-se os chamados Círculos Bíblicos, muitas vezes realizados nas casas dos próprios fiéis, intensificam-se e popularizam-se as publicações destinadas a traduzir a nova moral religiosa para a práxis do homem moderno e para as pessoas do povo. A missa deixa de ser rezada em latim, adotando-se o português em toda a liturgia, e o padre já não celebra mais de costas para os fiéis.

Muito ligada à religião, seja como católica convicta, seja como professora de ensino religioso, Adélia vive em cheio essa efervescência toda, essas profundas transformações. E vai-se livrando da face sinistra duma religiosidade impregnada de temor e culpa, e descobre que Deus é alegria, que há completa compatibilidade entre poesia e religião. “Eu me libertei do terror teológico. Me libertei quando descobri que o que me leva mesmo a Deus é a poesia.” (CASTELLO, 1984) Começa a elaborar uma nova cosmovisão, que será decisiva como substrato da configuração poética que está prestes a eclodir. Cabe lembrar que quando finalmente deixa o magistério, em 1979, Adélia tinha atuado ao longo de 24 anos em algumas Escolas, estaduais e privadas, e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis, lecionando Educação Religiosa, Educação Moral e Cívica, Filosofia da Educação, Relações Humanas e Introdução à Filosofia.

Não foi impunemente que Adélia passou, de certa forma, por toda uma formação franciscana. Ela chegará a ingressar na Ordem Terceira de São Francisco. Quando publicar seu primeiro livro, será a São Francisco de Assis que a novel poeta reconhecerá que deve “a graça desse livro”, como colocou na epígrafe introdutória da obra, imitação do “Cântico das criaturas”, um dos poemas mais famosos do santo-poeta: “Louvai ao Senhor, livro meu irmão, com vossas letras e palavras, com vosso verso e sentido, com vossa capa e forma, com as mãos de todos que vos fizeram existir, louvai ao Senhor”. E é curioso o fato de que a crônica de Drummond que a anunciava em 9 de outubro de 1975, falava de São Francisco de Assis, comemorado no dia 4 de outubro, e o poeta itabirano diz exatamente – e a repetição da frase já citada é oportuna justo aqui: “Acho que ele [S. Francisco de Assis] está no momento ditando em Divinópolis os mais belos poemas e

prosas a Adélia Prado.” (DRUMMOND, 1975)

A *Escola Franciscana*, no interior da Teologia católica, destaca-se, desde as suas origens, por um forte pensamento bíblico, dentro do qual se ressalta a beleza e sobretudo a bondade ontológica da Criação (confira-se o refrão do capítulo 1 do Gênesis, quando se narra a Criação, após a obra de cada dia, há a afirmação: “E Deus viu que isso era bom!”), a radical valorização da Boa-Nova da Salvação e a particular importância com que distingue o Mistério da Encarnação, em que tanto se valoriza a condição humana de Jesus Cristo, em sua historicidade e corporeidade. Basta lembrar que foi São Francisco de Assis quem organizou a representação do presépio vivo pela primeira vez na História, e deu a seus confrades a estranha ordem de decorarem com nacos de carne as suas celas para, desse modo tão concreto, celebrar o fato escandalosamente auspicioso de um Deus que se faz carne e habita entre os humanos. (BOFF, 1981, p. 42)

Tal visão cósmica, soteriológica e humanística, embebida de uma percepção densamente otimista e jubilosa, sem dúvida produziu um efeito profundamente libertador na pessoa Adélia Prado, subsumida pelo sujeito poético, o qual assim apresenta a afoita e insaciável:

Catecúmena

Se o que está prometido é a carne incorruptível,  
é isso mesmo que eu quero, disse e acrescentou:  
mais o sol numa tarde com tanajuras,  
o vestido amarelo com desenhos semelhando urubus,  
um par de asas em maio e imprescindível, multiplicado ao infinito,  
o momento em que  
palavra alguma serviu à perturbação do amor.  
Assim quero “venha a nós o vosso reino”.  
Os doutores da Lei, estranhados de fé tão ávida,  
disseram delicadamente:  
vamos olhar a possibilidade de uma nova exegese  
deste texto. Assim fizeram.  
Ela foi admitida; com reservas.

(*Poesia reunida*, p. 44)

Por volta dos anos 70, Adélia começa a publicar poemas em suplementos literários de jornais de Minas. Participa, sem sucesso, de alguns concursos de poesia, em Brasília, no antigo Estado da Guanabara, em Belo Horizonte... e tem aquele episódio humilhante, em 1973, com o jornal *O Pasquim*, do Rio de Janeiro, que havia aberto uma seção para divulgar novos talentos poéticos. Embora desconfiada de um tablôide dedica-

do ao humorismo, ao deboche e de jeitão destrambelhado, Adélia arriscou: selecionou uns poemas e enviou. Pouco depois, leu, entre humilhada e revoltada, a enorme pilhéria que faziam de seus textos e dela, referida como “parecendo lavadeira nanica que perdeu o sabão na beira do rio” e coisas desse jaez. Ofendida e furiosa, “escreveu verdadeira catilinária contra os editores do tablóide, tentando, em vão, publicá-la, quer nos jornais de seu entorno, quer em Belo Horizonte. Terminou recebendo apoio de Hugo Pontes, que deu um jeito de editar o longo texto no suplemento cultural que dirigia, em Oliveira.” (HOHLFELDT, p. 69) Título de seu petardo contra *O Pasquim*: “*O pasquixo* (uma estória que é um lixo).” Como a própria autora reconhece, bem-humorada, foi um bela “pasquinice” em sua vida!

Mas o fato é que Adélia agora se aproxima da explosão poética que irá finalmente desaguar em *Bagagem*. “Foi por volta de 1972, 1973, que despertou em mim a consciência de escrever bem. Constatei eu mesma que aquilo que eu estava produzindo não era desabafo psicológico, não era dor de cotovelo: era poesia, era literatura.” (MIRANDA, 1984) É que por essa época acontecera então o último e decisivo impulso, dolorosamente similar ao que lhe havia provocado o primeiro poema aos quinze anos. Morre-lhe o pai. Era 1972. A dor, profunda, amadurece definitivamente Adélia para a Poesia. E o sentimento de orfandade, sublimado na transfiguração poética, para sempre a acompanhará, como a morte acompanhou Bandeira e a *gaucherie* acompanhou Drummond.

“A morte do meu pai desencadeou a dor que Deus me deu. Passei então a escrever direito, coisas que eu mesma achava que poderiam ser publicadas. Também comecei a encarar meu trabalho como literatura.” (FARIA, 1981) Assim ela nos relata: “Fiz um poema e vi que era lírico, puramente poético. Compreendi que tinha feito uma poesia de verdade. Saí mostrando para todo mundo.” (CAMBARÁ, 1984) Acontece uma verdadeira explosão criadora: poemas e mais poemas se sucedem, num clima de verdadeira exaltação. Sem que ela o planejasse ou soubesse, *Bagagem* estava sendo escrito, seu primeiro e mais volumoso livro. Percebeu que não era apenas uma coleção, um amontoado de poemas. Os textos formavam uma unidade. Selecionou, organizou-os em partes e decidiu publicá-los num livro, escolhendo, entre alguns títulos, aquele que definitivamente o consagrou. Algumas tentativas frustradas. E a feliz idéia de enviá-los ao resenhista da revista *Veja*, que atendia pelo nome de Affonso Romano de Sant’ Anna. Puro palpite, nascido de uma simpatia. Adélia gostava dos artigos dele. Quando viu na mesma revista uma apresentação de seu livro *Drummond - o gauche no tempo*, e a foto do autor, a intuição lhe disse que ali estava a pessoa indicada. Mandou alguns originais. E o resto já se sabe. Do entusiasmo de Affonso lendo pelo telefone seus poemas para Drummond.

Vale a pena transcrever o testemunho do autor de *Que país é este?*, relatado no prefácio que fez ao segundo livro de Adélia, *O coração disparado* (1978, p. 7-8):

(...) vou lembrando que há cinco anos recebi de uma desconhecida poetisa do interior de Minas um maço de poemas, entre batidos a máquina e manuscritos. Aquele era um período particularmente precioso e agitado para mim. No *Jornal do Brasil* mantinha o “Jornal de Poesia” recebendo uma média de dois mil poemas por mês. Na mesma época organizava a *Expoesia 1* (PUC/RJ), *Expoesia 2* (Curitiba) e a *Expoesia 3* (Nova Friburgo). Estava, portanto, num mar de poesia, redescobrinho na escrita jovem um autêntico gesto de abertura estética e política que correspondia a outras “aberturas” no plano institucional. E eu ia lendo os textos da moça e me assustando e me entusiasmando. A danada tinha uma força estranha e o que escrevia escapulia do que eu conhecia em nossa poesia. (...).

(...) Vários poemas me comoveram. (...) Não agüentei e telefonei para o Drummond: Mestre, acaba de aparecer uma poetisa no interior de Minas. E isto eu dizia como um astrônomo no observatório nacional, feliz com uma nova possibilidade de vida fora de mim, do que conhecia, do que lia. Li para ele aquele “Briga no beco”. Tomei outras providências: separei alguns textos e mandei para a redação do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. (grifos nossos)

Depois Adélia envia ao próprio Drummond os seus originais. No dia 9 de agosto de 1975, à saída da noite de autógrafos do livro *Contato*, de Marly de Oliveira, Drummond conversa com o editor Pedro Paulo de Sena Madureira, da Imago, sugerindo-lhe a publicação de um livro de Adélia, cujos poemas lhe pareciam “*fenomenais*”. E envia-lhe já no dia seguinte os originais de *Bagagem*, com bilhete informando o telefone da escritora. Pedro Paulo lê os originais de um só fôlego, se encanta, decide publicá-los o mais depressa possível e, para isso, sem ainda consultar o dono da editora, o psicanalista Jayme Salomão, o responsável da área literária da Imago tratou de ligar para Adélia e assegurar a exclusividade. (PINTO, 1999) Exatos dois meses depois, no dia 9 de outubro, cinco dias após a festa de São Francisco de Assis, o Itabirano escrevia no *Jornal do Brasil* a crônica consagrada, em que anunciava a autora inédita, colocando, com matreirice mineira, um pouco mais de sua lenha na fogueira. Eis o trecho completo que se refere a Adélia, a metade final da crônica “De Animais, Santo e Gente”, em que Drummond, além de versos de *Bagagem*, transcreve fragmentos de textos que mais tarde a autora publicará em seu primeiro livro de prosa – *Solte os cachorros* (1979):

(...) Acho que ele [São Francisco de Assis] está no momento ditando em Divinópolis os mais belos poemas e prosas a Adélia Prado. Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: esta é a lei, não dos homens, mas de Deus:

Uma ocasião meu pai pintou a casa  
toda de alaranjado brilhante.  
Por muito tempo moramos numa casa  
como ele mesmo dizia:  
constantemente amanhecendo.

Nascida à beira da linha, o trem-de-ferro, para ela, “atravessa a noite, a madrugada, o dia, atravessou minha vida, virou só sentimento”. E diz, entre outras: “Eu gosto é de trem-de-ferro e de liberdade”. “Eu peço a Deus alegria pra beber vinho ou café, eu peço a Deus paciência pra pôr meu vestido novo e ficar na porta da livraria, oferecendo meu livro de versos, que pra uns é flor de trigo, pra outros nem comida é.”

Em política, Adélia diz que “já perdeu a inocência para os partidos”: “Sou do partido do homem”. E sai no meio do discurso. Quer “comer bolo-de-noiva, puro açúcar, puro amor carnal, disfarçado de corações e sininhos: um branco outro cor-de-rosa, um branco outro cor-de-rosa”.

Adélia vai às compras? “A crucificação de Jesus está nos supermercados, pra quem queira ver. Quem não presta atenção está perdendo. Tem gente que compra imoral demais, com um olho muito guloso, se sungando na ponta dos pés, atochando o dedo nas coisas, pedindo abatimento, só de vício, com a carteira estufada de dinheiro; enquanto uns amarelos, desses cujo único passeio é varejar armazéns, ficam olhando e engolindo em seco, comprando meios quilinhos das coisas mais ordinárias.”

Adélia já viu a Poesia, ou Deus, flertando com ela, “na banca de cereais e até na gravata não flamejante do Ministro”. Adélia é fogo, fogo de Deus em Divinópolis. Como é que eu posso demonstrar Adélia, se ela ainda está inédita, aquilo de vender livro à porta da livraria é pura imaginação, e só uns poucos do país literário sabem da existência deste grande poeta-mulher à beira da linha? (ANDRADE, 1975)

Adélia reconhece: “(...) [Drummond] foi generoso, fraterno, me acolheu, me elogiou. Tive essa sorte, essa graça divina. São Francisco cochichou para ele gostar da minha poesia. Merecer isso, desde o primeiro livro, é muito. Quero um bem enorme a Drummond.” (CAMBARÁ, 1984) Não é para menos: duas vezes o poeta decisivamente a ajudara: aos vinte anos, sem o saber, através de seus poemas de versos brancos e livres; e aos quarenta, sabendo, mineira e poeticamente, o que fazia. Mas Adélia faz questão de frisar que, quando se decidiu pela publicação, já tinha a certeza de que se tratava de literatura: “Quando descobri minha dicção, meu modo de falar, tive certeza. Drummond só confirmou minha convicção.” (ALBUQUERQUE, 1999) Uma confirmação necessária, sentia, e que já era, previamente, uma consagração.

Finalmente, com o interesse da editora Imago pela poesia de Adélia Prado, a

tramitação é rápida. E em finais de abril de 1976, *Bagagem* era lançado na terra natal da escritora, e nos primeiros dias de maio, no Rio de Janeiro, numa noite de autógrafos muito concorrida, onde, entre outros, se encontravam Juscelino Kubitschek, Clarice Lispector, Affonso Romano de Sant'Anna, Nélida Piñon, Alphonsus de Guimaraens Filho e, claro, Carlos Drummond de Andrade.

Adélia Prado tornava-se finalmente, aos quarenta anos, uma poeta. E tinha vindo para ficar. Que o digam mais de trinta anos de carreira e uma *bagagem* de seis livros de poesia e seis de prosa, e outros tantos textos, incluindo literatura infantil, crônicas em jornais, participação em antologias, traduções (inglês, espanhol, francês, alemão...), adaptações para dança e teatro, documentários, centenas de entrevistas na imprensa escrita e falada, na televisão (Roberto D'Ávila, Roda Viva, Programa do Jô...), tema de dissertações e teses acadêmicas no Brasil e no exterior – enfim, cortejada por invejável fortuna crítica, variada e numerosa como poucas entre os poetas brasileiros contemporâneos.

Quando Adélia Prado, no poema de abertura de *Bagagem*, pede licença e passagem, ela está justamente manifestando a consciência clara e segura que tem, então, quanto ao fato de estar instaurando um universo poético próprio, um território novo no horizonte da Poesia: “Inauguro linhagens, fundo reinos” – anuncia demiúrgica e decidida, e já nos primeiros versos expõe abruptamente o padrão de referência que toma para si. Neste e noutros sentidos, este poema é a suma da trajetória de Adélia Prado, ponto de chegada e de partida, para sempre antológico:

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.  
Não sou tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos  
– dor não é amargura.  
Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.



Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou.

## Referências

- ALBUQUERQUE, Tereza. Reportagem. “Paixão no cotidiano.” *Jornal Correio Braziliense: Correio Dois*. Brasília, maio de 1999.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Crônica. “De Animais, Santo e Gente”. *Jornal do Brasil*. Caderno B. Rio de Janeiro, 09.10.1975.
- ARSÊNIO, Ana Maria. Reportagem. “Adélia por Adélia.” *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 07.08.1988.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Entrevista. “Adélia Prado: penso em sexo, morte, Deus e poesia. Todo santo dia.” *Brasil/Brazil. Revista de Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, EDIPUCRS, 1993, n. 9, ano 6, p. 75-105.
- BOFF, Leonardo. *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.
- CAMBARÁ, Isa. Entrevista. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 13.06.1984.
- CASTELLO, José. Entrevista. *Revista Isto É*. São Paulo, 06.06.1984.
- COSTA, Francisco. Entrevista. *Jornal Folha de S. Paulo*. São Paulo, 24.04.1987.
- DUARTE, Regina. Reportagem. “Regina Duarte encontra Adélia Prado.” *Jornal Folha de S. Paulo*. São Paulo, 13.07.1993.
- FARIA, Raquel Cristina. Reportagem. “A mulher que não enfrenta o fogão também é oprimida.” *Revista Cláudia*. São Paulo, dezembro, 1981.
- FERNANDES, José Carlos. Entrevista. “Com o coração disparado”. *Jornal Gazeta do Povo*: Caderno G. Curitiba, PR, 15.09.1997.
- FIORI, Vera. Entrevista. “Divina Adélia.” *Jornal O Estado de S. Paulo: Suplemento Feminino*. São Paulo, 13/14 de abril de 2002; n. 2530.
- FORTUNA, Felipe. Entrevista. “Palavras de dona Doida”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10-10-87. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES, *Cadernos de Literatura Brasileira: Adélia Prado*. São Paulo, junho de 2000, n. 9, p. 142.
- GUIMARAENS, Alphonsus de. *Cantos de Amor; Salmos de Prece poemas escolhidos*. Seleção e Nota Editorial por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: José Aguilar; Brasília: MEC-Instituto Nacional do Livro, 1972.
- HOHLFELDT, Antônio. Ensaio. “A epifania da condição feminina.” In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira: Adélia Prado*. São Paulo, junho de 2000, n. 9, p. 69-120.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira: Adélia Prado*. São

UNILETRAS 29, DEZEMBRO 2007

Paulo, junho de 2000, n. 9.

MAIA, Fred. Entrevista. *Revista dos Bancários*. São Paulo, junho, 1999, p. 14-17.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução de: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MASSI, Augusto. Entrevista. *Jornal Folha de S. Paulo*. São Paulo, 27.05.1984.

MIRANDA, Ronaldo. Reportagem. “Adélia Prado: na simplicidade do cotidiano, o sentido maior da vida.” *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 07.07.1984.

PINTO, José Nêumane. “A mineira Adélia Prado, poesia e prosa com fé no chão.” *Jornal da Tarde*. São Paulo, 17/04/1999. No site: <http://www.revista.agulha.nom.br/jneumane14c.html> - acessado em 04.08.2007.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SOCIEDADE BÍBLICA CATÓLICA INTERNACIONAL e PAULUS. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus Editora, 1995.

Recebido para publicação em 31 de julho de 2007.

Aceito para publicação em 4 de setembro de 2007.